

# NARRATIVAS EM LIBRAS: UM ESTUDO-PILOTO À LUZ DA TEORIA DE LABOV (1967)

Maria Carolina Casati Digiampietri<sup>1</sup>

## 1. Introdução

Uma das atividades mais comuns da vida social é compartilhar histórias. Em nossas interações e conversas, diálogos e encontros, frequentemente relatamos situações acontecidas e ouvimos os outros contarem suas experiências. Podemos dizer que estamos o tempo todo produzindo, ouvindo e participando de narrativas.

Com a comunidade surda não poderia ser diferente. Narrativas em línguas de sinais são repletas de recursos visuais e incorporação de personagens por parte dos narradores. O objetivo deste ensaio é refletir sobre a estrutura das narrativas em línguas de sinais à luz da teoria de Labov (1967, 1997, 2001). Mais especificamente, procuraremos comprovar que as narrativas em línguas sinalizadas apresentam a mesma estrutura observada por Labov nas narrativas construídas em língua oral; bem como alargar o conceito de oralidade discutido por Ong (2006). Para atingir tal objetivo, contamos com uma colaboradora surda que narrou uma experiência pessoal em língua de sinais brasileira (libras)<sup>2</sup>. Em anexo, apresentamos a glosa para o português da referida narrativa. Antes, porém, de iniciarmos a discussão sobre a narrativa eliciada, é importante que apresentemos as principais características desse gênero linguístico tão frutífero e importante para o ser humano: a narrativa.

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras pela USP.

<sup>2</sup> Agradeço à surda Adriana Horta de Matos por ceder os direitos de uso de imagem e possibilitar, assim, a elaboração deste ensaio.

## 2. Narrativa: definições<sup>3</sup>

*“Narrativas são interativas, trans-históricas, transculturais: elas são como a própria vida: simplesmente existem” (BARTHES, 1977).*

Contar histórias sobre eventos passados ou planos futuros parece ser uma atividade humana por excelência. Trata-se de uma das primeiras formas de discurso aprendida na infância e que é usada ao longo da vida de pessoas de todas as classes sociais, de todas as partes do mundo (RIESSMAN, 1993, p.3). É por meio das narrativas pessoais que os indivíduos exigem o pertencimento a certos grupos sociais, justificam suas atitudes e afirmam suas identidades (LINDE, 1993, p.219).

De acordo com Clandinin e Connelly (2000), é possível afirmar que os seres humanos entendem o mundo de forma narrativa. Segundo os autores, a vida é repleta de fragmentos narrativos e apresenta histórias que se desenvolvem ao longo do tempo e em um espaço definido. Por isso, a narrativa é o melhor método de representação e entendimento da experiência vivida.

De fato, a narrativa sempre despertou interesse das mais diversas áreas do conhecimento tais como: medicina, antropologia, análise do discurso, psicologia, estudos de gênero e literatura. Podemos dizer que essa é uma forma básica e constante de expressão humana que pode ser encontrada em todos os grupos sociais, independente de sua etnia, cultura ou língua materna (HAZEL, 2007). Narrativas são, portanto, representações, formas de reconstruir e interpretar o passado (Riessman, 1987). Elas conectam nossas experiências com o mundo aos nossos esforços em para descrever essas experiências e significá-las. Segundo Neugarten (1999), ao narrarmos um evento ou um acontecimento, estamos reinterpretando o passado com olhos do presente; assim, selecionamos nossas memórias e reafirmamos a importância dos acontecimentos de outrora a fim de encontrar coerência em nossas atitudes atuais. De acordo com Bruner (1990, 2004), narrativas mostram como construímos e organizamos o mundo; é por meio delas que atribuímos significados às nossas experiências.

Quase todos os autores mencionados apresentam um ponto comum: é por meio da estrutura narrativa que organizamos e significamos nossas experiências (MISHLER, 1986). E um dos motivos que explica a força da estruturação narrativa para a construção

---

<sup>3</sup> Este texto é uma adaptação da dissertação de mestrado apresentada à Universidade de São Paulo: Digiampietri, M. C. C., 2009.

de significados é a maneira pela qual conceitualizamos o mundo: uma série de experiências. Embora acreditemos que essas experiências são continuamente variáveis e sem ligação entre si, nós as analisamos como “eventos” – a alguns baseados nos ciclos da natureza (noite e dia, estações do ano), outros em construtos culturais tais como: feriados, semestres letivos, casamentos (HAZEL, 2007). O tempo vivido é, dessa forma, dividido em “marcos” pessoais. Entre eles, podemos citar ainda: quantos anos permanecemos em um emprego, por quanto tempo tivemos um relacionamento, em quantos meses completamos um projeto, entre outros (OLIVEIRA, REGO e AQUINO, 2006).

Em suma, podemos afirmar que, de acordo com os teóricos citados, a narrativa é uma estrutura discursiva que serve para organizar algo que é potencialmente caótico: as experiências vivenciadas. Mas como isso funciona? Para respondermos a esta questão é importante ter em mente que as funções narrativas podem ser observadas a partir de dois polos: um polo que corresponde ao conteúdo da narrativa e aos subsídios que as formam e o outro que versa sobre a estrutura – a forma – desse gênero. Segundo Bruner (1990), as narrativas estão fortemente ligadas à cultura dos falantes. Cada grupo social possui um repertório de grandes narrativas que fundamentam as crenças, histórias e valores de suas culturas. Como compartilham com os demais membros da sociedade essas grandes narrativas, os indivíduos as assimilam e as transformam, acrescentando novas narrativas a esse repertório e usando-o como base de suas próprias narrativas.

De acordo com o autor, as narrativas que contam experiências pessoais (autobiografia) são como um gênero literário. Para ele, “as vidas são textos: textos sujeitos à revisão, exegese, reinterpretação”. Para aqueles que produzem as narrativas, as “vidas narradas são textos passíveis de interpretação alternativa” (BRUNER e WEISSER, 1995, p. 142). Essa possibilidade de avaliação do passado – podemos contar ou escrever nossas experiências e depois lê-las ou relembra-las – faz com que nos comprometamos com uma versão dos fatos e, dessa forma, o passado se torna essa versão particular ou adaptada os eventos (BRUNER WEISSER, 1995).

Bruner (1990), portanto, define a narrativa como o modo pelo qual entendemos e conceitualizamos nossas experiências com o mundo e com outros indivíduos. Por um lado, possuímos uma pré-disposição inata e primitiva para organizar e entender o mundo e nossas experiências por meio de narrativas. Por outro, a cultura desde cedo nos equipa (e habilita) com novas interpretações e formas narrativas.

Ainda de acordo com este autor, as principais características da narrativa são:

- falar de algo da ação humana,
- apresentar uma ordem sequencial e causal de eventos,
- transitar entre o canônico (eventos considerados ordinários) e o não-canônico (eventos ou situações apresentados como algo fora do comum),
- indicar o ponto de vista do narrador (ou os pontos de vista que o narrador pode apresentar durante o relato, e.g. narrador, personagens, pai, amigo) (BRUNER, 1990, p. 77).

No que diz respeito à estrutura da narrativa, um dos autores que mais se debruçou sobre o assunto é Labov (1967, 1997, 2001). Tendo como base um corpus de pequenas narrativas pessoais gravadas durante entrevistas com informantes de várias classes sociais em Nova Iorque, o autor demonstrou que as narrativas possuem características bem definidas e seguem algumas regras de elaboração. Em primeiro lugar, narrativas são sequenciais. Isto significa dizer que o falante procura dar sequência lógica – cronológica (a sequência segue a ordem na qual os eventos aconteceram) e causal (estabelecimento de relações de causa e consequência) – à sua história.

Podemos dizer, então, que em essência, a narrativa é icônica: ela é uma sequência de sentenças que descreve uma série de eventos na ordem cronológica em que os acontecimentos se deram (LABOV e WALETZKY, 1967). Labov observa, no entanto, que não é qualquer sequência de acontecimentos que é narrada: apenas merecem o *status* de “narráveis” aquelas sequências de eventos que entraram para a biografia do falante, isto é, que têm um significado especial para o narrador. A importância dos eventos se dá porque a sequencialidade está fortemente ligada à outra característica narrativa: a causalidade. Ao selecionar uma série de eventos e colocá-los numa determinada sequência, o narrador explica como suas experiências aconteceram, detalhando a maneira pela qual um evento o levou a outro, apresentando as causas e as consequências de seus atos e escolhas<sup>4</sup>.

Embora uma elaboração sequencial e icônica de eventos forme a essência da narrativa, Labov mostrou que a narrativa normalmente é equipada — pelo menos as narrativas orais estudadas pelo teórico — de um conjunto de outras estruturas que

---

<sup>4</sup> A possibilidade de estabelecimento de relações de causa e efeito se dá na narrativa porque, ao narrar sua história, o falante já viveu aquelas experiências. Como elas estão no passado, ele já teve tempo de analisar, rever, interpretar e ponderar acerca daquelas vivências, uma vez que está olhando para o passado a partir de um ponto de vista presente.

ajudam a inserir, demarcar e ressaltar a importância dos eventos compartilhados. Dessa forma, ele identifica os seguintes elementos como sendo típicos das narrativas orais:

- **Resumo:** frequentemente, narradores iniciam a narrativa com algumas sentenças que resumem toda a história. Essas sentenças podem ser consideradas um sumário da narrativa;
- **Orientação:** nas sentenças chamadas de “orientação”, o narrador apresenta, de alguma maneira, o tempo, o lugar, as personagens e o que estas faziam durante a ação. Essas informações podem estar no começo da narrativa, mas, na maioria dos casos, aparecem em pontos estratégicos do relato;
- **Complicação:** série de sentenças que mostram o desenvolvimento da ação<sup>5</sup>,
- **Avaliação:** sentenças que revelam a atitude do narrador acerca da narrativa por meio da ênfase que é dada a alguns pontos em detrimento de outros. Pode-se dizer que os avaliadores indicam o “porquê” da narrativa;
- **Resolução:** sentenças que indicam que a narrativa está se aproximando do seu final. Essas sentenças “resolvem” os conflitos e complicações apresentados;
- **Coda:** dispositivo funcional que retoma a perspectiva verbal para o momento presente (LABOV, 2001, p. 3).<sup>6</sup>

As narrativas estudadas por Labov foram produzidas em língua oral. Porém, como mencionado, é nosso objetivo verificar se essa estrutura (resumo, orientação, complicação, avaliação, resolução e coda) também faz parte das narrativas construídas em línguas sinalizadas. Dessa forma, vejamos, primeiro, como essas línguas constroem narrativas e, depois, tentemos dividi-la uma narrativa em libras de acordo com a estrutura proposta por Labov.

---

<sup>5</sup> A parte central da narrativa que relata a sequência de eventos é a complicação; mas ela pode ser recortada de várias formas pelas outras estruturas de apoio. O que parece sempre estar presente é a avaliação. Essa estrutura é a que garante tanto a reportabilidade (a narrativa deve tratar de algo que fuja à normalidade, algo que “merece” ser narrado) e quanto a credibilidade (a narrativa deve ser estruturada de forma a tornar crível e verossímil tudo o que apresenta) da narrativa.

<sup>6</sup> É importante ressaltar que as narrativas estudadas por Labov foram produzidas em língua oral. Por isso, além da sequencialidade de eventos, elas também apresentam o que podemos chamar de “sequencialidade de produção”, visto que o discurso oral é produzido de maneira sequencial – com um som (um fonema) após o outro. Porém, as características apresentadas pelo autor também são observadas nas narrativas em línguas sinalizadas.

### 3. Línguas sinalizadas: estudos narrativos

*“To tell a story is to take arms against the threat of time, to resist time, or to harness time. Telling a story preserves the teller from oblivion; the story builds the identity of the teller and the legacy which she or he leaves for the future” (PORTELLI, 1991).*

A capacidade de narrar remonta à pré-história. Ela é uma das habilidades que fizeram emergir o homem 'cognitivamente moderno' (TURNER, 2003). Muito antes da invenção da escrita, as histórias já existiam e eram contadas e recontadas para não caírem no esquecimento e desaparecerem das suas comunidades de origem<sup>7</sup>. E, ainda que as sociedades atuais tenham muito contato com a escrita, o processo de elaboração de narrativas sempre é mais produtivo no campo da oralidade.

É importante ressaltar que, embora autores como Ong (2006) associem “oral” a “sonoro”, neste ensaio, o termo “oralidade” é entendido não apenas como comunicação face-a-face por meio de uma língua oral ou como a manifestação fônica de uma língua. “Oralidade” aqui compreende toda manifestação linguística que não se dá por meio da escrita. Dessa forma, comunidades surdas que fazem uso de línguas sinalizadas para se comunicar devem ser vistas pela ótica da oralidade, assim como as narrativas produzidas por elas, uma vez que compreendem manifestações verbais não escritas.

As narrativas em línguas de sinais são alvo de diversos campos teóricos. Porém, para os fins deste texto, a Linguística Cognitiva se apresenta como uma base teórica bastante eficaz. De acordo com essa teoria, as experiências que temos com nosso corpo desde o ventre materno e aquelas que temos com o ambiente que nos rodeia formam a base de nossa cognição. Depois de várias experiências físicas semelhantes, somos capazes de fazer comparações e identificar esquemas cada vez mais abstratos a partir das instâncias vivenciadas (EVANS e GREEN, 2006). Esses esquemas incluem processos cognitivos estáticos e dinâmicos associados a elementos tais como: eventos, orientação espacial, movimento, força, entre outros. Esses esquemas – chamados ‘esquemas imagéticos’ – seriam os mais básicos em termos de abstração e incluiriam conceitos como ‘para cima’, ‘para baixo’, ‘dentro’, ‘fora’, ‘resistência à força’

---

<sup>7</sup> De acordo com Ong, existe uma diferença entre culturas que nunca tiveram contato com a escrita e culturas nas quais a oralidade convive há muito tempo com a escrita. Nessas últimas, embora a escrita possa imitar as formas da oralidade, ela também desenvolve formas e gêneros próprios ao meio, e essas formas passam a ser imitadas pela oralidade. O autor chama de “oralidade primária” culturas nas quais o contato com a escrita ainda não se efetivou.

(OAKLEY, 2005, p.4). Esses elementos, de acordo com a abordagem da Linguística Cognitiva, também seriam a base das abstrações que fazemos a fim de criarmos conceitos a partir de experiências mais físicas e concretas. Nossa cognição estaria, portanto, toda fundamentada no pensamento metafórico.

De fato, segundo a Linguística Cognitiva, toda a nossa cognição – inclusive as narrativas que criamos para atribuir significados à nossa experiência – seria organizada por meio de comparações, abstrações e metáforas (LAKOFF e JOHNSON, 1980). Como não podemos ter acesso direto à cognição, só conseguimos conhecer o funcionamento da mente humana e ver como ela se organiza por meio de pistas encontradas na língua (tanto sinalizada quanto oral). (CHAFE, 1994; LANGACKER, 1987; LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987; FAUCONNIER, 1985)<sup>8</sup>.

No que tange à construção de narrativas em línguas sinalizadas, a teoria dos “Espaços Mentais” parece ser particularmente útil<sup>9</sup>. De acordo com essa teoria, para entender o significado das sentenças em línguas naturais, o usuário não se vale somente de regras gramaticais; também faz uso de estruturas cognitivas que são independentes das realizações linguísticas e que não estão restritas à atividade verbal (FAUCONNIER, 1985; FAUCONNIER e TURNER, 1996 e 1998). Uma das estruturas cognitivas mais importantes para essa construção de significados são os chamados “Espaços Mentais”. *Grosso modo*, essas estruturas podem ser definidas como construções cognitivas desenvolvidas à medida que pensamos e falamos. Essas estruturas têm o propósito de representar um evento, bem como levar o indivíduo à compreensão de alguma situação ou leva-lo à ação (FAUCONNIER, s/d)<sup>10</sup>.

---

<sup>8</sup> Os linguistas cognitivos enxergam a língua como parte da cognição. Assim sendo, de acordo com esses teóricos, a língua também é baseada nas experiências que temos com nossos corpos e com o meio ambiente que nos cerca. Essas experiências e abstrações seriam a origem do uso das palavras de uma língua. Dessa forma, depois de muitas experiências corporais que envolvem “dentro” e “fora”, por exemplo, somos capazes de fazer uma abstração do conceito de "estar dentro" a ponto de poder formular algo como “estar na miséria”. Essa construção nos mostra que o termo “miséria” é conceitualizado como um recipiente no qual podemos colocar e tirar objetos. O exemplo dado é possível porque os seres humanos são conceitualizados como “objetos” que podem estar “dentro” do recipiente, “na miséria”.

<sup>9</sup> Adaptado de “Espaços Mentais e a Categoria de Pessoa nos Discursos das Línguas de Sinais”, in: Moreira, R. L., 2007.

<sup>10</sup> Neste sentido, podemos dizer que os Espaços Mentais correspondem, em certa medida, às narrativas; uma vez que servem para representar um evento, bem como possibilitar que os indivíduos compreendam algum acontecimento.

De acordo com Liddell, há duas grandes categorias de “Espaços Mentais”: os que estão fundamentados na realidade e representados como parte do contexto da enunciação – *grounded*; e os que não são apresentados como parte da enunciação – *non-groundend*. Nestes “Espaços”, a representação das entidades não ocorre a partir do espaço físico; enquanto, naqueles, as entidades representadas no discurso remetem àquelas presentes no espaço físico imediato (MOREIRA, 2007).

A modalidade gesto-visual das línguas sinalizadas faz com que a maior parte dos espaços mentais dessas línguas seja do tipo *grounded*. Ocorre que, nessas línguas, esses espaços podem ser, de fato, representados no espaço físico e sobrepostos a ele. Além disso, as entidades pertencentes a esses espaços também podem ser representadas no espaço de sinalização, o que faz com que estejam “presentes”, simultaneamente, nesses dois espaços (LIDDELL, 2003; LIDDELL e METZGER, 1998).

Observa-se que, nas narrativas em línguas sinalizadas, há, na maioria dos casos, a integração de três tipos de espaços mentais: espaço real, token e sub-rogado. O “espaço real” é a concepção particular que o indivíduo tem daquilo que é fisicamente real no ambiente no qual ocorre dada enunciação. Assim, as entidades pertencentes a este espaço também podem ser consideradas “reais”, à medida que são, também, representações mentais de pessoas que estão fisicamente presentes no lugar e no tempo em que ocorre a enunciação. Nas narrativas em línguas sinalizadas, essa referência (das entidades no “espaço real”), é feita por meio de sinais que apontam para locais conceitualmente associados às entidades<sup>11</sup>. O “espaço real” é muito abrangente (e não se restringe apenas ao espaço à frente do narrador), visto que o sinalizador pode apontar para (praticamente) qualquer lugar que se relacione com as representações mentais às quais as entidades se referem (LIDDELL e METZGER, 1998).

O “espaço token” é aquele no qual as entidades ou elementos a se indicar são representados sob a forma de um ponto fixo no espaço físico. Essas entidades são invisíveis e são sobrepostas ao “espaço real” (ou seja, se realizam de forma simultânea a este espaço na narração). Nas línguas sinalizadas, as representações token são projetadas no espaço de sinalização (que fica em frente ao corpo do sinalizador). O “espaço token” se limita à representação da terceira pessoa e os sinalizadores podem usá-lo para fazer referência tanto à pessoas que não estão presentes no momento da construção da narrativa, quanto para assuntos de ordem geral. O sinalizador até pode

---

<sup>11</sup> Sinais que “apontam” para algo no discurso são chamados sinais “dêiticos”.

contar duas narrativas (dentro de uma narrativa maior) e colocar cada uma delas um ponto específico do “espaço token”. Assim, cada vez que se referir a uma das narrativas, apontará para o ponto no qual esta foi colocada e seus interlocutores saberão sobre o que ele está falando (LIDDELL e METZGER, 1998; MOREIRA, 2007).

Quanto ao “espaço sub-rogado”, podemos dizer que se trata da conceitualização de algo que já aconteceu ou ainda acontecerá. Ou seja, estamos falando aqui da essência da narrativa (que lida com eventos passados e com projeções de situações futuras). Devido à esta “aproximação” do “espaço sub-rogado” à estrutura narrativa, nas línguas sinalizadas este espaço que também é integrado ao “espaço real” é representado visualmente por algo como uma encenação do sinalizador/ narrador<sup>12</sup>. No sub-rogado, o sinalizador/ narrador assume os papéis dos participantes da narrativa. Sendo assim, explora ao máximo o espaço físico e as entidades incorporadas pelo sinalizador/ narrador são representações mentais em tamanho natural que assumem posições muito realistas (por isso, são chamadas entidades sub-rogadas). Essas narrativas não se limitam ao espaço de sinalização (embora aconteçam, em parte, nele) e apresentam fortes traços de simultaneidade: além de o “espaço sub-rogado” se sobrepor (ocorrer simultaneamente) aos espaços real e físico, o corpo do sinalizador é – simultaneamente – narrador e personagem da narrativa (LIDDELL e METZGER, 1998).

#### **4. A estrutura proposta por Labov: narrativas sinalizadas podem se desenvolver dessa maneira?**

É possível identificar todas as estruturas propostas por Labov em narrativas construídas em línguas de sinais? Para responder a tal questão, contamos com a colaboração de Adriana Horta de Matos, surda, bilíngue (Libras e português) e professora de libras, que contou uma pequena narrativa em língua de sinais brasileira<sup>13</sup>.

---

<sup>12</sup> Segundo Liddell (2003) e Liddell e Metzger (1998), “o espaço sub-rogado também é bastante usado, tanto pelos ouvintes quanto pelos surdos, para contar histórias, narrar um diálogo, citar a fala ou a sinalização de alguém” (MOREIRA, 2007, p.49).

<sup>13</sup> A narrativa sinalizada será analisada a seguir com a apresentação das imagens dos sinais. LEITE (2008) levantou a questão de divisão das sentenças levando em consideração as unidades entoacionais da Libras. Todavia, o estudo sobre a prosódia de línguas de sinais ainda é escasso. Dessa forma, optamos por delimitar as sentenças em Libras levando em consideração, 1) prosódia (pausa e expressões faciais, 2) produção do sentido durante o processo de percepção e

A narrativa apresentada a seguir foi originalmente contada em libras e posteriormente traduzida para o português.

“Oi, tudo bem? Prazer! Meu nome é A-D-R-I-A-N-A. Meu sinal é *Adriana*  
Eu vou contar uma história sobre as minhas férias.  
Sempre viajo para a casa da minha família. Eles moram longe, em Brasília.  
Nas férias, eu encontro minha mãe, meu pai e meus dois irmãos, a família toda,  
No mês de janeiro, eu fui para lá e resolvemos ir para um lugar que tivesse piscina, sol.  
Legal.  
Escolhemos uma cidade do interior de Goiás, Caldas Novas. Sinal *Caldas Novas*.  
Chegamos ao hotel à noite,  
ansiosos,  
querendo nadar, passear, imaginando...  
Mas começou a chover, trovejar forte.  
Ficamos tristes, preocupados.  
“Como vamos fazer?”  
Dormimos e quando acordamos o tempo estava escuro.  
Esperamos 1, 2, 3 horas.  
De repente, o sol saiu.  
“Que legal!”  
Colocamos os biquínis rápido e descemos correndo para a piscina.  
Quando chegamos, a piscina estava vazia.  
Nos olhamos, tristes:  
“Perdemos o passeio”  
Que pena!”

Nas próximas seções, apresentaremos a narrativa eliciada em uma tentativa-piloto de divisão à luz da teoria de Labov<sup>14</sup>.

---

entendimento da língua falada e de espaço linear do suporte onde materializamos as imagens (folha A4).

<sup>14</sup> É importante ressaltar que as imagens aqui apresentadas apresentam apenas um momento da realização dos sinais. Como os sinais são dinâmicos, por questões metodológicas, apenas a finalização dos sinais – que apresentam movimento – será apresentada neste artigo.

- Apresentação



É importante lembrar que esta narrativa foi elaborada em libras e, por isso, alguns de seus elementos refletem as particularidades dessa língua. Observa-se, por exemplo, que a narradora soletra manualmente (digitaliza) seu nome e, em seguida, apresenta aos interlocutores seu sinal (seu “nome”, sua “representação” em libras). Nesse caso, o sinal da narradora é realizado da seguinte maneira: mão direita configurada em A, movendo a mão atrás da orelha, do topo até o lóbulo.

- Resumo





Observa-se, nessa sequência, que a sinalizadora produz aquilo que Labov classifica como Resumo: sumariza para o interlocutor o assunto da narrativa; neste caso, uma viagem de férias com a família. É interessante notar que, além de apresentar uma pequena síntese da narrativa, a sinalizadora também, de certa forma, orienta o interlocutor quanto aos (possíveis) personagens da história. Introduz, portanto, sua mãe, seu pai e seus dois irmãos.

- Orientação



<sup>15</sup> Na realização de MÃE até IRM@, observa-se que a sinalizadora está fazendo uso de uma boia. De acordo com Liddell (2003), quando sinais produzidos com a mão passiva são mantidos parados no ar concomitante à realização de outros sinais pela mão ativa, a mão passiva pode ser considerada uma boia. No caso do exemplo mencionado, a boia pode ser caracterizada como de “listagem”, visto que indicam a discriminação dos “itens” da lista mencionados: dois irmãos. Para mais informações sobre o uso de boias na libras, ver Leite (2008).

Nesta sequência, é possível identificar mais um trecho de Orientação: a narradora apresenta o tempo e a motivação da mudança de estado dos personagens. É importante ressaltar que, assim como alertava Labov (1967), nem sempre a Orientação ocorre por meio de uma única sequência de orações; por vezes, essas sentenças estão diluídas ao longo da narrativa. É justamente isso que observamos na narrativa estudada: já no Resumo, a sinalizadora inicia o “processo orientativo”, indicando quem são os personagens – ela, a mãe, o pai e os dois irmãos – e um dos cenários – Brasília. Durante este trecho de Orientação, é possível dizer que a narradora apresenta uma breve Avaliação. Observe:

- Avaliação



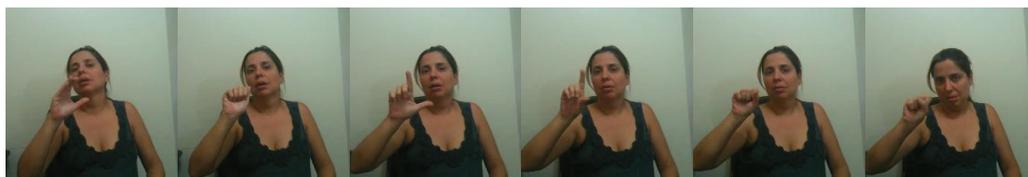
B@M

O sinal B@M realizado com a mão esquerda na continuidade da sentença anteriormente apresentada, parece apresentar a opinião na narradora sobre a escolha do lugar das férias da família.

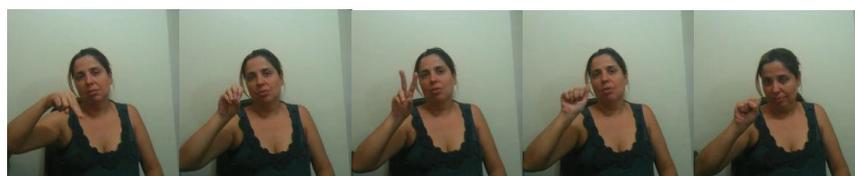
- Orientação



ESCOLHER LUGAR INTERIOR GOIÁS



C A L D A S



N O V A S



SINAL CALDAS-NOVAS

Observamos, aqui, que a narradora “orienta” os interlocutores apresentando o cenário no qual a ação se desenvolveu.

As próximas orações apresentam sequências intercaladas de Complicação e Avaliação.

- Complicação



CHEGAR HOTEL ESCUR@

Na Complicação, a narradora traz as orações que apresentam o desenvolvimento da ação. Na narrativa de Adriana Horta, a ação começa a se desenvolver com a chegada, durante a noite, da família ao hotel.

- Avaliação / Incorporação



ANSIEDADE QUERER NADAR PASSEAR IMAGINAR

Acredito que seja possível afirmar que a sinalização que começa com ANSIEDADE e vai até IMAGINAR corresponde à Avaliação à medida que apresenta uma opinião da narradora sobre a ação, bem como sobre a atitude dela e dos outros em relação à chegada ao hotel. Portanto, ela apresenta, de certo modo, suas impressões e as impressões dos demais participantes da narrativa. É interessante notar que, além da Avaliação proposta por Labov (1967), o trecho também apresenta traços de incorporação de personagens, elemento tão típico das narrativas em línguas sinalizadas e já observado pela Linguística Cognitiva. É como se este trecho se desse no chamado “espaço sub-rogado”, no qual a narradora incorpora as sensações e falas dos outros

personagens. Pode-se dizer que a incorporação se dá por meio de movimentos sutis do narrador/ sinalizador, como uma pequena mudança na direção do olhar ou uma discreta mudança na expressão facial. (LEITE, 2008). No trecho acima, a incorporação pode ser observada pelo fato de toda a sequência ser produzida com a narradora com os olhos fechados, sem comunicar-se com o interlocutor de forma direta.

- Complicação



Na sequência acima, a narradora apresenta mais informações sobre o acontecido: o início de uma chuva forte – que potencialmente estragaria o passeio da família.

- Avaliação



Mais uma vez, a sinalizadora apresenta uma opinião sobre o acontecido. E em seguida, em mais um trecho de incorporação, reproduz o discurso dos personagens.

- Incorporação



É interessante observar que a mudança na direção do olhar na realização do sinal acima ilustrado também indica o final da incorporação da narradora. Ao voltar novamente o olhar para a câmera, a narradora continua descrever a Complicação da narrativa, ou seja, como a ação se desenvolveu. Observe:



“COMO”

COMO<sup>16</sup>

- Complicação



ENTÃO

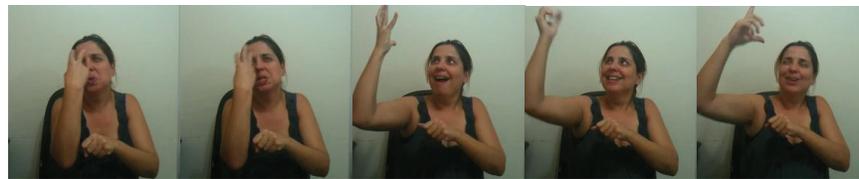
DORMIR

ACORDAR

ESCUR@

ESPERAR

1-HORA



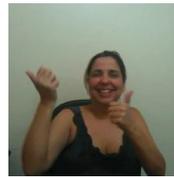
2-HORA

3-HORA

DE-REPENTE

SOL

- Avaliação



BOM

- Complicação



COLOCAR-BIQUINI<sup>17</sup>

RÁPIDO

DESCER-ESCALA

<sup>16</sup>A intenção aqui era mostrar o momento da mudança da direção no olhar, que indica também o momento da volta da narradora ao “espaço real”. Obviamente, essa sutil transformação é mais bem observada no vídeo no qual a história é contada.

<sup>17</sup> O hífen neste caso representa que há um sinal composto. As duas palavras são glosadas como uma só justamente porque correspondem a um único sinal.

- Resolução



A sequência acima pode ser classificada como Resolução, uma vez que apresentam os eventos finais da narrativa, isto é, indica que a história está se aproximando do final. Também na Resolução é possível notar traços de incorporação (pela expressão facial do sinal COMO? – voltado para o interlocutor, bem como na sinalização de NOS-OLHAMOS, no qual a direção do olhar “segue” os personagens), como se a narradora reproduzisse o discurso direto dos personagens.

- Incorporação



Nesta sequência, o indício de incorporação pode ser observado não pela mudança na direção do olhar, mas pela expressão facial da narradora.

- Coda



Pode-se classificar a sequência acima como Coda, uma vez que, pela direção do olhar da narradora, ao sinalizá-la, há a retomada para o tempo presente, para o espaço “real”.

---

<sup>18</sup> Levando em consideração o contexto da narrativa, o sinal “PALHAÇO” foi traduzido por “Que pena!” na versão em português.

## 5. Divisão da narrativa com base em Labov (1967)

A estrutura da narrativa apresentada por Adriana Horta pode ser representada pela seguinte tabela:

Apresentação	Oi, tudo bem? Prazer! Meu nome é A-D-R-I-A-N-A. Meu sinal é <i>Adriana</i> .
Resumo	Eu vou contar uma história sobre as minhas férias. Sempre viajo para a casa da minha família. Eles moram longe, em Brasília. Nas férias, eu encontro minha mãe, meu pai e meus dois irmãos, a família toda,
Orientação	No mês de janeiro, eu fui para lá e resolvemos ir para um lugar que tivesse piscina, sol.
Avaliação	Legal.
Orientação	Escolhemos uma cidade do interior de Goiás, Caldas Novas. Sinal <i>Caldas Novas</i> .
Complicação	Chegamos ao hotel à noite,
Avaliação / Incorporação	ansiosos, querendo nadar, passear, imaginando...
Complicação	Mas começou a chover, trovejar forte.
Avaliação	Ficamos tristes, preocupados
Incorporação	“Como vamos fazer?”
Complicação	Dormimos e quando acordamos o tempo estava escuro. Esperamos 1, 2, 3 horas. De repente, o sol saiu.
Avaliação	Que legal!
Complicação	Colocamos os biquínis rápido e descemos correndo para a piscina.
Resolução	Quando chegamos, a piscina estava vazia. Nos olhamos, tristes:
Resolução/ Incorporação	“Perdemos o passeio”
Coda	Que pena!

A divisão apresentada neste ensaio é provisória e requer outros estudos que corroborem as hipóteses aqui levantadas. Porém, mesmo com este estudo ainda incipiente, é inegável o fato que de as narrativas elaboradas em línguas sinalizadas apresentam a mesma estrutura daquelas que se desenvolvem por meio de uma língua oral.

## **6. Considerações finais**

Partindo da definição de narrativa, este ensaio procurou identificar a estrutura das narrativas produzidas em línguas sinalizadas. Observamos que a modalidade gesto-visual permite que muitos elementos aconteçam de forma simultânea nessas línguas, o que não é possível nas línguas orais; visto que a modalidade auditivo-oral obriga que um som (um fonema) seja produzido linearmente após o outro.

Além disso, estendendo o conceito de oralidade – para todas as manifestações linguísticas que não se dão por meio da escrita – pudemos analisar uma narrativa oral produzida em libras e observar que ela possui a mesma estrutura identificada por Labov para as narrativas orais produzidas em línguas orais.

É importante ressaltar que o presente trabalho apresentou uma divisão-piloto de uma narrativa em libras na estrutura proposta por Labov (1967). Por isso, ainda há questões que se colocam e podem ser respondidas apenas com outros estudos sobre o tema. Entre elas, podemos citar:

- Quais são as outras possíveis traduções para esta narrativa? E as divisões com base em Labov?
- Será possível encontrar traços de incorporação em todas as categorias da narrativa, desde o resumo até o Coda?
- Todas as narrativas produzidas em libras contam com uma apresentação inicial do narrador/sinalizador?
- É possível dividir narrativas elaboradas por mais de um narrador? As categorias de separação serão coincidentes?
- O ELAN pode facilitar a análise, à luz das ideias de Labov (1967), desse tipo de narrativa?

## 7. Referências

BARTHES, R. (1977) Introduction to the structural analysis of narratives. In: HEATH, S. (ed). *Image-Music-Text*. London: Fontana.

BRUNER, J. (1990). *Acts of meaning*. Cambridge: Harvard University Pres.

BRUNER, J.; WEISSER, S. (1995). *A invenção do ser: A autobiografia e suas formas*. In: OLSON, D. R.; TORRANCE, N. *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo: Ática, p. 141-161.

BRUNER, J. (2004). Life as a narrative. *Social Research*, vol. 71, no. 3, p.691-710.

CHAFE, W. (1994) *Discourse, consciousness, and time: The flow and displacement of conscious experience in speaking and writing*. Chicago: The University of Chicago Press.

CLANDININ, D.J.; CONNELLY, F.M. (2000). *Narrative Inquiry*. San Francisco: Jossey-Bass.

DIGIAMPIETRI, M. C. C. *Narrativas de mães ouvintes de crianças surdas: oralidade, metáfora e poesia*. 2009. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-07122009-145603/>>. Acesso em: 10.12.2011.

EVANS, V.; GREEN, M. (2006). *Cognitive linguistics: An introduction*. Mahweh, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

FAUCONNIER, G. (1985). *Mental spaces: Aspects of Meaning in Natural Languages*. Cambridge, Massachusetts: Cambridge University Press.

FAUCONNIER, G. e TURNER, M. (1996). Blending as a central process of grammar. In: Goldberg, A. (Ed.). *Conceptual structure, discourse and language*. Stanford, CA: CSLI, p. 113-130.

FAUCONNIER, G. e TURNER, M. (1998). Conceptual integration networks. *Cognitive Science*, n. 22, v. 2, p. 133-187.

HAZEL, P. (2007). *Narrative: An introduction*. Disponível em: <[http://www.paulhazel.com/blog/Introduction\\_To\\_Narrative.pdf](http://www.paulhazel.com/blog/Introduction_To_Narrative.pdf)>. Acesso em: 22.09.2009.

JOHNSON, M. (1987). *The body in the mind: The bodily basis of meaning, imagination and reason*. Chicago: The University of Chicago Press.

LABOV, W. e WALETZKY, J. (1967). Narrative analysis: Oral versions of personal experience. In: HELM, J. *Essays on the verbal and visual arts*. University of Washington Press.

LABOV, W. (1997). Some further steps in narrative analysis. *The Journal of Narrative and Life History*, v.7 (1-4), New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates p. 395-415.

LABOV, W. (2001). Uncovering the event structure of narrative. *Georgetown University Round Table 2001*. Georgetown: Georgetown University Press.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. (1980). *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press.

LAKOFF, G. (1987). *Women, fire and dangerous things*. Chicago: The University of Chicago Press.

LANGACKER, R.W. (1987). *Foundations of cognitive grammar*. Volume 1: Theoretical prerequisites. Stanford, CA: Stanford University Press.

LEITE, T. A. (2008). A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-25092008-160005/>. Acesso em 12/05/2012.

LIDDELL, S. K. (2003). *Grammar, gesture and meaning in American Sign Language*. Cambridge: Cambridge University Press.

LIDDELL, S. K.; METZGER, M. (1998). Gesture in sign language discourse. *Journal of Pragmatics*, n.30, p. 657-697.

LINDE, C. (1993). *Life stories: the Creation of Coherence*. New York: Oxford University Press.

MCCLEARY, L. E. ; VIOTTI, E. C. . Transcrição de dados de uma língua sinalizada: Um estudo piloto de transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB). In: Heloisa Maria Moreira Lima-Salles. (Org.). *Bilinguismo dos surdos: Questões linguísticas e educacionais*. Goiânia, GO: Cênone Editorial, 2007, v. , p. 73-96.

MISHLER, E.G. (1986). *Research interviewing*. Cambridge: Harvard University Press.

MOREIRA, R. L. (2007). *Uma descrição de Dêixis de Pessoa na língua de sinais brasileira: pronomes pessoais e verbos indicadores*. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-13112007-103644/>>. Acesso em: 10.12.2011.

NEUGARTEN, B.L. (1999). *Los significados de la edad*. Barcelona: Herder.

OAKLEY, T. (2005). Force dynamic dimensions of rhetorical effect. In: HAMPE, B. (ed.) *From perception to meaning: Image schemas in cognitive linguistics*. Cognitive Linguistics Research, v. 29. Berlin e New York: Mouton De Gruyter, p. 443-475.

OLIVEIRA, M.K. de; REGO, T. C.; AQUINO, J. G. (2006) “Desenvolvimento psicológico e constituição de subjetividades: ciclos de vida, narrativas autobiográficas e tensões da contemporaneidade”. *Pro-Posições*. (Dossiê Temas e tendências na perspectiva histórico-cultural), v. 17, n. 2 (50), p. 119-138.

ONG, W. J. (2006). *Orality and literacy*. New York: Routledge.

PORTELLI, A. (1991). *The death of Luigi Trastulli and other stories*. Albany: State University of New York Press.

RIESSMAN, C.K. (1987). When gender is not enough: women interviewing women. *Gender and Society*. Thousand Oaks: Sage Publications, vol.1, no. 2, p. 172-207.

RIESSMAN, C. K. (1993). *Narrative Analysis*. Qualitative Research Methods Volume 30. Thousand Oaks: Sage Publications.

TURNER, M. (2003). Double-scope stories. In: HERMAN, D., *Narrative theory and the cognitive sciences*. CSLI Publications. p. 117-142.